

História do tempo presente e tradições culturais *resignificadas* dos *skinheads* brasileiros

Carlos Eduardo França*
Lídia Maria Vianna Possas*

Tendo como referência os debates realizados pela historiografia contemporânea, investimos no desenvolvimento de uma pesquisa cuja abordagem centrou-se na análise das representações e formas de resistência da facção *skinhead* denominada “carecas do subúrbio”. Partimos do pressuposto de que os “carecas do subúrbio” são, em sua maioria, jovens trabalhadores que vivenciam suas práticas nos espaços urbanos, articulando-se em torno de componentes culturais singulares responsáveis por lhes conferir uma identidade grupal própria, tendo em vista a busca de sua diferença diante da pluralidade de agrupamentos sociais em “temporalidades” distintas e das práticas culturais “dominantes”.

O movimento *skinhead* se originou na Inglaterra dos anos 60 como ato de rebeldia de uma parcela dos jovens da classe operária inglesa diante da crise econômica e social vivenciada pelo país, introdução de novas tecnologias, onda de desemprego e inserção de minorias étnicas que, por uma questão de sobrevivência, aceitavam trabalhar por salários não compatíveis com os tetos sindicais fixados pelos operários tipicamente britânicos.

No Brasil, as influências das primeiras informações dos *punks* e, em menor medida, dos *skinheads* britânicos, tiveram efeito a partir de 1977 através de discos, revistas especializadas, jornais, entre outros meios de circulação de informações provenientes dos setores da grande imprensa, que investiram na *apropriação* e *disseminação* de imagens homogêneas e imbuídas de pré conceitos sobre esses grupos em caráter internacional¹.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), tendo como vínculo a Linha de Pesquisa intitulada “Cultura, Identidade e Memória”.

* Professora Doutora da Faculdade de Filosofia e Ciência da UNESP/Marília, vinculada ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e a Linha de Pesquisa “Cultura, Identidade e Memória” do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, líder do Grupo de Pesquisa “Cultura e Gênero” inscrito no CNPq em 2003, e coordenadora do GT Estudos de Gênero da ANPUH/Regional/SP.

¹ Neste momento, as medidas políticas dos governos militares que subsidiaram o “milagre econômico” começaram a mostrar sinais de desgaste, intensificando as manifestações populares diante dos inúmeros efeitos negativos provocados pelas ações políticas e econômicas dos governos militares. Este período de medo e insatisfação popular agravou-se em 1979 com a fuga dos investimentos internacionais, seguida pela falência de indústrias pesadas situadas nas regiões mais industrializadas do Brasil por volta dos anos de 1981 a 1983, a exemplo dos pólos industriais situados nas regiões da Zona Leste e ABC paulista, onde observamos o surgimento das primeiras ações do grupo *skinhead* “careca do subúrbio”.

Neste contexto, alguns “carecas do subúrbio” que circulavam nas regiões periféricas da Zona Leste e ABC paulista começaram a ter conhecimento das formas de pensamento e práticas sociais dos *skinheads* ingleses por meio dos jornais, revistas, *fanzines* e pessoas mais bem informadas, identificando-se com os comportamentos que transmitiam uma certa radicalidade devido à violência real e simbólica de suas ações grupais, bem como a ênfase dada ao nacionalismo e visual tipicamente operário acompanhado pelo “corte careca”.

Deste modo, esses sujeitos resolveram “adaptar o estilo” à realidade social singular do Brasil através do investimento na formação de um movimento *skinhead* apresentado com o nome de “carecas do subúrbio” que, por viverem em um ambiente social, cultural, étnico e histórico particularizado, acabaram *adotando* e *recriando* os valores e pensamentos dos *skinheads* estrangeiros por meio do confronto com seus componentes culturais específicos. Este trabalho de *apropriação* e *resignificação* acabou permitindo aos “carecas do subúrbio” a produção de “uma cópia bastante original” ao estabelecer diferenciações frente a alguns pensamentos e posturas defendidas pelos diversos grupos de *skinheads* ingleses.

Entendemos que em momentos de crise política e ideológica a população brasileira, mais especificamente aquela presente nas regiões periféricas da Grande São Paulo nos primeiros anos da década de 1980, estava mais propensa a incorporar novas formas de pensamento, já que as aspirações e esperanças da sociedade encontravam-se pouco definidas e estruturadas. Sendo assim, compreendemos que esse processo deu margem à penetração de novas idéias e visões de mundo na subjetividade de certa fração da sociedade, permitindo a organização do grupo *skinhead* dos “carecas do subúrbio”.

Diante desse processo responsável por gerar o aumento dos índices de desemprego, aprofundamento da crise política e ideológica da sociedade e agudização da situação de fragilidade dos setores mais desqualificados e superexplorados da classe operária, alguns jovens começaram a reagir por meio de manifestações radicais assumindo-se, em 1981, como “carecas do subúrbio”. Esses buscavam organizar um grupo de trabalhadores agressivos e disciplinados, objetivando diferenciarem-se dos pensamentos e posturas dos *punks* e das representações homogêneas construídas pela grande imprensa.

Após a organização dos “carecas do subúrbio” surgiram outros grupos nas regiões periféricas da Grande São Paulo na primeira metade dos anos 80, a exemplo dos “carecas do ABC” que possuíam simpatia pelo pensamento integralista de Plínio Salgado (1932-1938), bem como agrupamentos de jovens *skinheads* da classe média que organizaram-se em 1986 na região metropolitana de São Paulo, denominando-se *White Powers*.

Utilizando Márcia Regina da Costa (2000), entendemos que os últimos anos da década de 80 foram marcados pelo momento de maior densidade de conflitos entre as múltiplas facções *skinheads*, bem como entre esses grupos e setores populares, instituições sociais e partidos políticos de esquerda como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Neste momento, os diversos agrupamentos e experiências sociais dos “carecas” começaram a ser mais focalizadas e colocadas em evidência pela grande imprensa, principalmente pelos jornais e revistas de maior tiragem.

Neste processo conflituoso, os “carecas do subúrbio”, “carecas do ABC” e “carecas do Brasil” viram a necessidade de *redefinir* suas posturas através do investimento na *reelaboração* de seus valores e discursos, diante da inserção dos novos sujeitos e grupos sociais em “temporalidades” distintas que defendiam posições neonazistas e racistas.

Os integrantes desta facção *White Power* acabaram investindo na sustentação de pensamentos radicais e de ações violentas de revolta e resistência, respondendo com práticas sociais xenófobas contra negros, mestiços, nordestinos, *punks*, homossexuais, drogados e “carecas do Brasil”, estimuladas pelas dificuldades enfrentadas por esse segmento médio no processo de modernização acelerada do parque industrial que, como observamos, causou o aumento crônico do desemprego aprofundado na década de 80².

A *reelaboração* dos valores e discursos dos “carecas” fundadores do movimento *skinhead* deu-se pelo fato dos pensamentos e atitudes mais radicais da facção *White Power*

² Paralelamente ao surgimento da nova facção no movimento *skinhead* brasileiro defensores de posturas neonazistas e racistas apresentados com o nome de *White Power*, observamos que no cenário mundial estava havendo a eclosão de intensos conflitos no conglomerado multinacional da região do Leste Europeu após a queda do muro de Berlim em 1989, podendo ser entendidos como manifestações deflagradas por movimentos extremistas, grupos de *skinheads* e por comunidades “eticamente homogêneas” e defensoras da concepção de “nacionalismo étnico” alicerçado em uma ideologia que pressupõe práticas sociais racistas, de ódio étnico,

terem chamado a atenção da grande imprensa. Esta começou a colocar em evidência as manifestações que envolviam as várias facções integrantes do movimento *skinhead* brasileiro. O enfoque dado pelos meios de comunicação privilegiou a construção de imagens e representações homogeneizadas desses grupos, nas quais eles eram apresentados com o estereótipo de jovens violentos que defendiam pensamentos neonazistas e racistas.

Diferentemente da facção *White Power*, os integrantes do movimento dos “carecas do Brasil” aceitavam negros, mestiços e povos de outras etnias nos grupos, investindo na *apropriação* da particularidade étnica da composição social brasileira para alicerçar seus pensamentos e projeto de sociedade nacionalista que, teoricamente, visaria garantir os interesses de todos os brasileiros independente da sua “raça”. Assim, os grupos de “carecas do Brasil” conseguiram potencializar a expansão dos seus valores nacionalistas as diversas regiões brasileiras, formando novos núcleos de “carecas” que atuam persuadindo e incorporando outros integrantes e simpatizantes em seus grupos.

Sendo assim, os “carecas do Brasil” esforçam-se em construir uma representação grupal socialmente aceita deles próprios como estratégia de ação, tendo como finalidade captar os valores e categorias mentais preestabelecidas na subjetividade e imaginário social, com o objetivo de *recriá-las* de acordo com os pensamentos e visões de mundo defendidos pelos vários grupos que compõem o movimento dos “carecas do Brasil”.

Utilizando um depoimento presente no livro de Costa (2000), um integrante do grupo dos “carecas do subúrbio” declarou em entrevista que o agrupamento começou com quatro elementos em 1980, sendo três rapazes e uma garota, e, por volta de 1990, a facção contava com cerca de mil integrantes, tendo núcleos nas diversas regiões brasileiras.

Este dado associado com o conteúdo dos *fanzines* inéditos coletados e por nós analisados, permite que enxerguemos esta forma de organização social como um movimento de tendência nacionalista que se encontra em expansão³, representando apenas

expansionistas e revanchistas, além de confrontos entre uma população étnica majoritária contra minorias sociais que convivem em um mesmo espaço geográfico. (HOCKENOS, 1995, p.13-35).

³ Após a organização dos “carecas do subúrbio” na região da grande São Paulo em 1981, as fontes documentais nos possibilitou entender que as suas formas de pensamento e práticas sociais acabaram sendo *apropriadas* e *interiorizadas* pelos jovens de outras regiões que, por se identificarem com os valores nacionalistas e posturas

a “ponta do iceberg” (VIZENTINI, 2000, p.20) das seqüelas sociais e graus de insatisfação e insegurança populares mais profundas vivenciadas por sujeitos que sofrem os mesmos efeitos produzidos pelas esferas econômicas, políticas e ideológicas em crise.

Entendemos que essas pessoas encontram-se presentes em estratos sociais muito próximos e num mesmo contexto com conjunturas históricas específicas, defendendo, muitas vezes, idéias nacionalistas e radicais, semelhantes às defendidas pelos integrantes dos grupos “carecas do Brasil”⁴ que objetivam reivindicações econômicas e sociais imediatas sem, porém, colocar em questão a superação da ordem social estabelecida.

Voltando a atenção para as novas facções dos *skinheads* mais recentes e atuantes que surgiram no cenário urbano das várias regiões do Brasil após o aparecimento dos “carecas do subúrbio”, observamos que atualmente está havendo significativo aumento da utilização da Internet como novo instrumento estratégico de disseminação dos valores e pensamentos defendidos pelos grupos que compõem o movimento *skinhead* brasileiro, principalmente pelos “carecas do subúrbio”, “carecas do ABC” e “carecas do Brasil”.

Deste modo, consideramos que, embora os “carecas do subúrbio” possam ser reconhecidos como uma forma de organização social singular com características próprias que delimitam como espaço físico de localização o território específico da região da Zona Leste e ABC paulista, as formas de pensamento e tendências nacionalistas; a defesa dos valores de grupo considerados virtuosos como a sustentação das condições de virilidade e a disciplina na execução das funções nas esferas da vida, principalmente as relacionadas ao trabalho; os costumes e práticas sociais e as definições e reelaborações de posturas do grupo, acabam extravasando o espaço geográfico de localização e atuação regional dos “carecas do subúrbio” através dos *fanzines*, impressos e os eletrônicos, presentes nas

violentas defendidas pelos primeiros *skinheads*, organizaram agrupamentos nas diversas regiões e estados brasileiros nas décadas de 1980 e 1990, a exemplo dos “carecas do ABC”, “carecas do Vale do Paraíba”, “carecas de Campinas”, “carecas de São Carlos” e “carecas de Ribeirão Preto” presentes na cidade, bem como no estado de São Paulo, além daqueles *skinheads* organizados em outros estados como os “carecas da Baixada Fluminense” (RJ); “carecas de Porto Alegre” (RS); “carecas de Campo Grande” (MS) e “carecas do Ceará” (CE).

⁴ Utilizando Ginzburg (1987) que ressaltou a possibilidade de reconstruir historicamente a “cultura popular” inerente à determinado fragmento social através da investigação do papel histórico do indivíduo ou grupo social que, segundo o autor, representa os valores e pensamentos de determinado segmento popular presente em um período histórico específico, entendemos que os grupos “carecas” organizados nas diversas regiões do Brasil

páginas virtuais construídas pelos integrantes do grupo na Internet, bem como por meio das bandas que tocam o estilo de música oi!⁵ e organizam-se precariamente no cotidiano.

Esse processo de difusão dos valores e pensamentos dos grupos “carecas” é articulado por meio dos *fanzines*⁶, encontros de confraternização, eventos musicais e bandas de música oi!, correspondências através de cartas, construção de “sites” para a difusão de idéias dos grupos espalhados pela Internet que, articulados em seu conjunto, acabou criando um “circuito de informações” e um campo estratégico de difusão dos valores e pensamentos muito mais amplo, rompendo com as dimensões sociais estabelecidas pelo território físico no qual se encontravam os fundadores do primeiro grupo *skinhead* brasileiro.

A utilização desses meios cotidianos precários, mas, no entanto, eficazes de divulgação dos valores grupais desses *skinheads*, acabou criando uma rede de comunicação que interliga essas diversas facções de “carecas”, permitindo a *atualização* e *reinvenção* das idéias dos grupos, bem como a consolidação de um movimento dinâmico que nos dá pistas da pretensão de tecer um conjunto de valores que atuem como agentes catalisadores de integração dos diversos grupos nas principais regiões brasileiras.

As fontes documentais analisadas em dois anos de pesquisa nos despertou para o fato dos *skinheads* organizarem-se em grupos que afirmam-se socialmente através da

expressam, de certa forma, os valores e patrimônio cultural preexistentes na “mentalidade social” de uma fração específica da população que compõem a classe operária brasileira.

⁵ Ao analisar os *fanzines* produzidos pelos grupos de *skinheads* brasileiros, entendemos que, atualmente, as diversas facções que compõem o movimento “carecas do Brasil” contam com a atuação das diversas bandas oi! no cenário artístico brasileiro. Essas desempenham o papel de porta-vozes do movimento, sendo responsáveis pela difusão dos valores e forma de pensamento nacionalista desses *skinheads* nas várias regiões brasileiras, a exemplo das bandas oi! Vírus 27, Garotos Podres, Reação Soberana, Neuróticos, Histeria, Patriotas, Puro Impacto, Contra Ataque, Nocaute, Arame Farpado, Neurônios Dilacerados, Murdock, Legítima Defesa, Skulls, Subhumanos e Tolerância Zero do estado de São Paulo; a banda Grito oi! do Paraná; a banda Carbonários do Mato Grosso do Sul; a banda Bandeira de Combate da Bahia e as bandas Voluntários e Protesto oi! do Ceará.

⁶ Nos dois anos de pesquisa FAPESP (proc. N.º 02/09943-0), observamos que nos últimos anos está havendo uma crescente produção de informativos escritos na forma de *fanzines* pelas múltiplas facções que representam o movimento dos “carecas do Brasil” nas diversas regiões do país, a exemplo dos *fanzines* “Protesto Suburbano”, “Marcha Nacional”, “Resistência Vermelha”, “Lute ou Vegete”, “Ação Patriota”, “Soberania Nacional”, “Ação Nacional”, “Revolta Urbana”, “Nova Estirpe”, “Cultura de Rua”, “Ordem e Progresso”, “Skinzine”, “Consciência Oi!”, “Revolta Urbana”, “Não Racismo Zine”, “Do Subúrbio para o Brasil”, “União Oi!”, “Alertar”, “Braço Forte”, “Folhas Tarântula Zine”, “Zine Ombro-a-ombro”, informativo “Carecas do Brasil” e informativo “Lombriguette” produzidos no estado de São Paulo, além dos *fanzines* “Filho do Brasil”, “Brasil Oi!” e “Kamundjangos Ska” do Rio de Janeiro; o “Schizoyd noise music zine” de Minas Gerais; os informativos “linha de Frente”, “União Atitude Zine”, “Orgulho Nacional”, “Desordem Social” e “Dagobrain” do Rio Grande do Sul; os Zines “Marcha Operária” e “Ataque Oi!” do Paraná; os informativos “Ética” e “Nação Forte” do Ceará; bem como o “Lemon Squeezer” produzido pelos *skinheads* do Distrito Federal. O aumento dos grupos *skinheads* e a crescente produção de informativos nacionalistas, mostra-nos a preocupante tentativa dos integrantes desses

violência contra outras gangues rivais e grupos sociais que não se enquadram nos seus padrões morais de comportamento, a exemplo dos *punks*, drogados, homossexuais, socialistas, comunistas e *White Powers* que posicionam-se contra negros e mestiços.

No entanto, as representações construídas por esses grupos de *skinheads* nos *fanzines* os apresentam como jovens operários que defendem e reforçam seus argumentos nacionalistas através da reprodução de alguns trechos dos textos integralistas produzidos por Plínio Salgado, Chefe Nacional da Ação Integralista Brasileira fundada em 1932.

Deste modo, esses *skinheads* utilizam suas precárias invenções cotidianas de divulgação das formas de pensamento para construir uma representação na qual se apresentam como sendo nacionalistas, tendo em vista a defesa dos interesses da nação brasileira e o repúdio aos neonazistas considerados por eles como sendo os *White Powers*. Desta maneira, tentam desviar a atenção da população quanto ao caráter violento dos seus agrupamentos, com a intenção de incorporar novos adeptos e expandir seus grupos.

Tendo em vista as influências exercidas pelo pensamento integralista de Plínio Salgado (1932-1938) na composição dos valores nacionalistas de alguns líderes dos grupos “carecas” analisados, associado ao conteúdo da reportagem publicada no jornal “Esquinas de S.P.”⁷, levantamos novas inquietações sobre as matrizes que estruturam as categorias mentais e formas de pensamento nacionalista defendidas por esses grupos de *skinheads*.

Assim, colocamos na ordem do dia a necessidade de investigar os valores e pensamentos nacionalistas defendidos por esses grupos *skinheads* no “tempo”, bem como suas relações com as associações integralistas que atualmente estão voltando a se organizar, sendo objeto de estudos acadêmicos contemporâneos debatidos no site GEINT⁸.

grupos extremistas difundirem, mesmo que precariamente, suas visões de mundo em todas as regiões brasileiras, tendo em vista convencer e aderir aos seus grupos o maior número possível de pessoas.

⁷ Esta reportagem escrita por Marcos Faerman (1996) mostra uma reunião da extrema-direita (Velhos integralistas reorganizados – 1996) em Santo André com um grupo de “carecas do ABC”, evidenciando os estreitos diálogos e ligações desses agrupamentos *skinheads* com as associações e partidos políticos nacionalistas que retomam o pensamento integralista (1932-1938) para se definirem ideologicamente.

⁸ O GEINT (Grupo de Estudos sobre o Integralismo) consiste em discussões presente na Internet, tendo por objetivo estabelecer debates sobre temas que envolvam a AIB (Ação Integralista Brasileira) através do e-mail: geint@yahoogrupos.com.br. Seus membros são pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do país que procuram compartilhar os resultados de suas pesquisas, bem como questões, opiniões e críticas.

Neste sentido, buscaremos revisitar o campo conceitual utilizado na estruturação do nacionalismo proposto pela Ação Integralista Brasileira (AIB) na década de 1930, tendo em vista captar as “durações históricas” *resignificadas* que surgem como permanências culturais, influenciando as práticas sociais dos grupos contemporâneos de “carecas do Brasil” e determinando as “temporalidades” (BRAUDEL, 1992) socioculturais desses sujeitos. Com isso, inferimos a grande questão que deve ser pensada e desenvolvida em uma pesquisa deste gênero que é *saber como e por que as idéias reaparecem*.

Até o presente momento, podemos dizer que a pluralidade de grupos sociais respondem distintamente e de acordo com suas respectivas subjetividades aos efeitos negativos produzidos pelas esferas econômicas, políticas e ideológicas em crise. Sendo assim, a crise econômica e política irrompida mais enfaticamente nos anos 80 após o fracasso do Milagre Econômico dos Militares intensificou a precarização do trabalho e o desemprego estrutural, debilitando as condições de vida dos trabalhadores braçais superexplorados, bem como a qualidade de vida de segmentos da classe média brasileira.

Assim, a ofensiva ideológica negativa de 20 anos de Regime Militar no Brasil associado ao caos político e econômico dos anos 80, abriu margem ao ressurgimento e novas incorporações de tradições culturais negativas que foram *resignificadas* de acordo com o contexto histórico pelos diversos grupos de “carecas do Brasil” e *White Powers*.

Esses grupos são os responsáveis por retomar tradições culturais totalitárias de caráter fascista, consolidando o ressurgimento de formas destrutivas de pensamento como a do Integralismo e Nazismo da década de 1930. Esses pensamentos são, respectivamente, *apropriados, adaptados e incorporados* pelos grupos de “carecas do Brasil” e *White Powers* que possuem tradições, subjetividades e, portanto, “temporalidades” compostas por uma tênue diferença, expressa no caráter xenófobo e neonazista declarado dos *White Powers*, em oposição aos aspectos totalitários e fascistas que são ocultados nos discursos e representações elaboradas pelos integrantes dos diversos grupos de “carecas do Brasil”.